

C.L.R. James na Mira do Brasil: o Internacionalismo negro na luta contra o Capital¹

Marcio Farias²

Resumo

O objetivo deste ensaio é apresentar alguns apontamentos para uma análise das contribuições da obra do intelectual C.L.R James para a compreensão da luta contra o racismo e contra o capitalismo a partir da categoria internacionalismo negro, tal como foi proposta pelo autor no livro *A History of Pan-African Revolt*. Para tanto, busca-se conectar a luta contra o racismo no Brasil em relação à luta e a produção teórica contra o racismo em outras localidades.

Palavras-chave: C.R.L James, Internacionalismo Negro, Luta Antirracista.

Resumen

El objetivo de este ensayo es presentar algunos apuntes para un análisis de los aportes de la obra del intelectual C.L.R James a la comprensión de la lucha contra el racismo y contra el capitalismo desde la categoría internacionalismo negro, tal como la propone el autor en el libro *A Historia de la revuelta panafricana*. Por lo tanto, busca conectar la lucha contra el racismo en Brasil en relación con la lucha y la producción teórica contra el racismo en otros lugares.

Palabras clave: C.R.L James, Internacionalismo negro, Lucha antirracista.

Abstract

The aim of this essay is to present some notes for an analysis of the work contributions of the intellectual C.L.R James to the understanding of the fight against racism and against capitalism from the category black internationalism, as proposed by the author in the book *A History of Pan -African Revolt*. Therefore, it seeks to connect the fight against racism in Brazil in relation to the fight and theoretical production against racism in other locations.

Keywords: C.R.L James, Black Internationalism, Anti-racist Struggle.

¹ Texto originalmente escrito como prefácio à edição brasileira *A History of Pan-African Revolt* do escritor C.R.L. James que estava no prelo, mas que não tem mais previsão de lançamento. Versão submetida neste momento é uma versão alterada do original.

² Graduado em Psicologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2011). Mestre e Doutor em Psicologia Social na PUC-SP com vinculação ao NUTAS (Núcleo de estudos e pesquisa Trabalho e Ação Social). Professor convidado do Celacc (Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação) Eca/ USP. | mfariasont@gmail.com



No início dos anos 2000, a editora da Universidade Federal da Bahia editou o livro *O Brasil na Mira do Pan Africanismo*³ reunindo duas obras clássicas do pensamento social brasileiro escritas por Abdias do Nascimento: *O Genocídio do Negro Brasileiro* e *Sitiado em Lagos*, ambas em sua segunda edição.

Os dois livros, originalmente lançados em fins da década de 1970 e início da década de 1980, representam um momento de salto qualitativo da luta contra o racismo no Brasil, na medida em que denunciam o lastro de exploração e violência ao qual a população negra ainda estava submetida no Brasil. Também expressam um momento de maturidade teórica e política do movimento negro brasileiro, fator que colocará o país posteriormente na vanguarda da luta antirracista internacional. Assim, Abdias junto com Lélia Gonzales, Clóvis Moura, Beatriz Nascimento, Hamilton Cardoso, Thereza Santos, Yedo Ferreira, Joel Rufino e tantos outros e outras intelectuais forjam um pensamento original e perspicaz.

No campo do ativismo, a luta contra o racismo ao longo do século XX no país promoveu uma contra hegemonia que só ganhou espaço amplo em 1978 quando do ressurgimento do movimento negro organizado em pautas políticas. Antes, no início do século, os jornais *O Menelick*, *O Clarim da Alvorada*, entre outros, foram trabalhos de escrita e comunicação engajadas que partiam da experiência imediata de negros e negras brasileiros e propunham mudanças frente a sua situação nos idos dos anos de 1920 e 1930. As experiências de jornais colaborativos da comunidade negra culminaram no surgimento da Frente Negra Brasileira, que chegou a se tornar partido, com um número amplo e significativo de associados. No conteúdo dos jornais que precederam a Frente Negra e mesmo no veículo oficial da entidade, os temas debatiam questões por uma perspectiva integracionista.

A primeira contestação dessa perspectiva, o Teatro Experimental do Negro (TEN) propunha a reelaboração por meio do teatro, para que negros e negras da classe trabalhadora pudessem representar algo diferente do cotidiano imediato e projetassem outras vivências. Na ponta de lança do

³ NASCIMENTO, Abdias. **O Brasil na mira do pan-africanismo**. Salvador: Edufba, 2002



TEN, dois eminentes intelectuais: de um lado, Guerreiro Ramos e sua participação como intelectual não só na denúncia do racismo, como também em suas contribuições no projeto de Brasil desenvolvimentista, então em voga⁴. Do outro, Abdias do Nascimento é o sujeito síntese da integração da luta antirracista brasileira com suas congêneres internacionais.

O *Brasil na mira do panafricanismo* permitiu um lastro maior para se pensar o ativismo negro brasileiro, as várias correntes do pan-africanismo, o movimento negritude, o movimento consciência negra sul-africano, a luta pelos direitos civis nos EUA, as guerras por libertação no continente africano e as primeiras expressões de lutas de imigrantes africanos no continente europeu são as referências para o antirracismo brasileiro da segunda metade do XX⁵. E é aqui que o Brasil, ao mirar o panafricanismo, encontra Cyril Lionel Robert James.

James, nascido em Trinidad e Tobago no ano de 1901, foi jornalista, escritor e teórico de orientação marxista. Autor de vasta produção, escreveu obras antológicas, dentre as quais *A History of Pan-African Revolt*⁶, originalmente publicada em 1938 e relançada em versão expandida 1969.

Clássico do pensamento político, neste trabalho, James analisa as condições históricas e contemporâneas da luta internacional antirracista.

II

Neste contexto, o internacionalismo negro, como o próprio James adverte, vivia uma nova condição: a África se libertava politicamente do jugo colonial - ainda que persistisse a dependência econômica - na antessala da reestruturação produtiva do capital, que impôs uma agenda austera e brutal aos que vivem do trabalho. Na diáspora, a emergente classe média negra não suplantava a existência do proletariado negro que vivia com baixos rendimentos. Pior, o fim do ciclo de ouro nos centros dinâmicos remodelava o capitalismo administrado para um estado policial e punitivo. No caso das massas negras que viviam na Inglaterra, França e Estados Unidos essa não era necessariamente uma nova circunstância, ainda assim, os dilemas antigos

⁴ Guerreiro Ramos é nome de destaque do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB).

⁵ MOORE, Carlos. Prefácio. In. NASCIMENTO, Abdias. **O Brasil na mira do panafricanismo**. Salvador: Edufba, 2002.

⁶ JAMES, Cyrol Robert Lionel. **A History of Pan-African Revolt**. PM Express. Oakland: 2013.



ganhavam novos vultos. Essa configuração do Estado neoliberal de extração punitivista, encontra no Brasil uma realidade já marcada secularmente por superexploração, informalidade, pauperização e conflito.

Por isso, as iniciativas de congregação da luta antirracista internacional permaneceram ativas ao longo das décadas de 1960 e 1970. Os destaques são: o 6º Congresso Pan Africanista ocorrido em Dar es Salaam na Tanzânia, depois oposto pelo 1º Congresso Integral da União de Escritores dos Povos Africanos, realizado em Dakar no Senegal em 1976, e o Festival Mundiais de Arte Negra - sobretudo o de 1977, na cidade de Lagos, Nigéria. Neles, tanto Abdias do Nascimento como C.L.R. James têm destaque⁷.

James, já um veterano, foi um dos principais articuladores do 6º Congresso Panafricanista, o primeiro a ocorrer em território africano. Dos cinco congressos anteriores, o destaque do 5º é evidente na medida em que em 1945, na cidade inglesa de Manchester se reuniram intelectuais, sindicalistas e militantes que tiveram papel destacado na luta antirracista em seus territórios. George Padmore, Kwame N’Krumah e C.R.L. James são apenas alguns nomes de vulto que estavam presentes naquela importante e célebre reunião do internacionalismo negro⁸. É digno de nota que em nenhum dos congressos ocorridos entre 1900 e 1945 tivemos a participação de um delegado brasileiro, exceto o 6º Congresso que contou com a participação de Abdias.

Abdias, no auto exílio desde 1964, quando da instalação da ditadura burgo-militar no Brasil, vivia nos Estado Unidos, onde expandiu suas articulações políticas e, há um só tempo absorveu elementos do internacionalismo negro, bem como começou a colocar a luta da população negra brasileira no mapa do pan-africanismo. É assim que tem contato com C.L.R. James. Quando dos eventos preparatórios para o 6º Congresso, ocorridos em Kingston na Jamaica, em 1973, Abdias qualifica a compreensão dos internacionalistas negros sobre como operava o racismo brasileiro e quais foram às estratégias de luta utilizadas pelos africanos e seus descendentes ao longo da história do Brasil. Neste contexto, as teses daquilo que Abdias chamara de *Quilombismo* - uma proposta de emancipação dos povos negros de todo o mundo a partir da valorização da experiência africana e da diáspora - começavam a ganhar contornos mais definitivos.

⁷ NASCIMENTO, Elisa Larkim. **Pan-Africanismo na América do Sul: emergência de uma rebelião negra**. Vozes: Petrópolis, 1981.

⁸ DECRAENE, Philippe. **O panafricanismo**. Difusão Europeia do Livro: São Paulo, 1962.



James, por sua vez, atento ao novo cenário que coloca a experiência negra brasileira como uma das mais importantes lutas locais contra o racismo assevera, junto com Roosevelt Brown, outro importante articulador das etapas preparatórias para o 6º Congresso, a necessidade da reserva de um painel de dia inteiro na programação do evento para discutir a situação do negro brasileiro.

No entanto, o 6º Congresso foi tomado pelo espírito de disputa pela hegemonia que encampou uma divisão política reinante no espectro mundial. Frente às tomadas de decisões da cúpula anfitriã do evento - dentre eles o importante Julius Nyerere, que teve papel oscilante quando da organização e depois na realização do evento - e por diferenças políticas, James decide não participar e boicota o Congresso.⁹

Pouco mais de um ano depois, em 1976, James e Abdias participam do Primeiro Congresso Integral da União de Escritores dos Povos Africanos, em Dakar, no Senegal. Abdias novamente se destaca, explicitando ao mundo o racismo à brasileira. James, por sua vez, ao fazer um balanço dos congressos panafricanistas, reitera uma posição anticolonialista e anti-imperialista, confrontando - nos seus dizeres- uma elite africana ocidentalizada e burguesa, e apontando como saída uma atenção do internacionalismo negro às lutas do campesinato africano, bastião da continuidade do combate contra a opressão no território africano. Também assinala a importância das lutas feitas pelas frações urbanas do operariado negro, marginalizadas mundo afora. Nesse aspecto, James reivindica a produção da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus como um exemplo de que a massa possuía relativa autonomia frente à burocratização dos instrumentos políticos que outrora se afirmavam como vanguarda. O Brasil estava, portanto, na mira do panafricanista C.L.R. James.¹⁰

III

Agora, ainda que Abdias tenha sido um dos principais articuladores da luta antirracista brasileira com o internacionalismo negro, não foi ele o único, naquela ocasião, a mirar James. Havia outros desígnios que

⁹ BOUKARI-YABARA, **Amzat. Africa Unite! Une histoire du Panadricanisme**. La Découverte: Paris, 2017

¹⁰ NASCIMENTO, Elisa Larkim. **Pan-Africanismo na América do Sul: emergência de uma rebelião negra**. Vozes: Petrópolis, 1981.



aproximavam o intelectual caribenho com o pensamento negro brasileiro daquele período. O país vivenciava uma ditadura burgo militar que intensificou o processo de expansão capitalista à custa da superexploração da grande massa trabalhadora - em sua maioria negra - mas que, contraditoriamente, forjou, de um lado, um operariado que entrava numa nova fase de tomada de consciência e, de outro, uma pequena fração de setores medianos, com curso técnico e superior. Nessa franja mediana, ainda que incipiente, emergiu uma classe média negra, com um núcleo de *intelligentsia* que vivencia, em outra esfera, os desígnios da raça no Brasil: emparedado ao não ser reconhecido como membro de sua nova classe social pelo seu pertencimento racial. Assim, esse grupo se volta à comunidade de origem como reduto e redenção no enfrentamento ao racismo. Havia também a franja negra que atuava em sindicatos e partidos.¹¹ Esse processo se assemelha àquilo que James analisou em seu clássico *Jacobinos Negros* sobre as correlações de forças das classes em luta quando da Revolução Haitiana: o papel da identificação racial na conformação da solidariedade entre escravizado camponês e *intelligentsia* urbana formada por profissionais liberais e do funcionalismo público.

Assim, “o Haiti é aqui” brasileiro se moldava sob as seguintes características: a proposta de integração, aos moldes anteriores não dava mais conta do projeto antirracista. Se antes a ideia era pensar e projetar um brasileiro negro, e a democracia racial como mola propulsora desse salto, a partir da década de 1960 o movimento negro se percebe como mais um elo da luta antirracista internacional: negros do mundo, uni-vos! O duplo estatuto de ser negro e africano se firmava como um poderoso elemento contra hegemônico capaz de implodir as ambiguidades e contradições da obsessiva ideia de identidade nacional. O encontro das águas afluiu em algo pujante e rico: de um lado vinham as novas tendências modernistas que desembocam na reafirmação de um país miscigenado sem racismo, do outro a intensa força da luta antirracista internacional. Por aqui, uma ideia de um povo dentro de um território. Ser negro-africano era a nova pauta do movimento negro, redescobrir a África em nós foi a grande bandeira da versão nacional da luta antirracista internacional.

¹¹ GONZÁLES, Lélia. O Movimento Negro Unificado : Um novo estágio na mobilização política negra. In. GONZÁLES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino americano. Ensaios, intervenções e diálogos/** Org Flávia Rios, Marcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.



Esses novos contornos se refletiam numa produção teórica ampla, consistente e original. Exemplos disso, além dos já mencionados textos de Abdias, são Clóvis Moura e Octavio Ianni que protagonizam um bom embate interpretativo sobre as conexões da luta negra brasileira com as demais formas de resistência da diáspora africana, em especial a caribenha. Aqui James e o pensamento caribenho – sobretudo o anglófono - têm papel importante, ainda que ambos tenham formulações originais sobre o tema. *Negro, de bom escravo a mau cidadão?*(1977)¹² de Moura e *Escravidão e Racismo* (1978)¹³, de Ianni são exemplos da absorção crítica feita pela intelectualidade brasileira quando dessa nova quadra histórica. As formulações de James são decisivas para um salto qualitativo na análise sobre cultura e política feita por Clóvis Moura na análise da rebeldia negra.

No campo político, parte da militância negra de esquerda da época, referenciada na Convergência Socialista – Organização política de orientação trotskista - também tem papel importante numa aproximação ao pensamento de James no Brasil. Intelectuais e militantes como Hamilton Cardoso e Flávio Carrança, ao terem contato com a produção de Trotski sobre a questão racial, absorvem a discussão sobre tática e estratégia a partir do debate sobre opressão e autodeterminação do povo negro.¹⁴ A aproximação de Trotski ao tema do racismo se deu na batalha de ideias com os demais quadros da Quarta Internacional. Destes debates, um dos mais emblemáticos, foi o ocorrido entre James e Trotski, no ano de 1939 no México, que foi farol para muitos dos caminhos seguidos por parte da militância negra brasileira ao longo da década de 1980¹⁵

¹² MOURA, Clóvis. **Negro, de bom escravo a mau cidadão?** Conquista: Rio de Janeiro, 1977.

¹³ IANNI, Octavio. **Escravidão e racismo**. Hucitec: São Paulo, 1978.

¹⁴ Ver: OLIVEIRA, Fábio Nogueira de; RIOS, Flavia. Consciência negra e socialismo: mobilização racial e redes socialistas na trajetória de Hamilton Cardoso (1953-1999). **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 4, n. 2, jul-dez 2014, p. 507-530; SERAFIM, Danilo. Leon Trotsky e os apontamentos com C.L.R. James. In. **Revista Movimento**. (<https://movimentorevista.com.br/2021/08/leon-trotsky-e-os-apontamentos-com-c-l-r-james/>) Acesso em 04/01/2022.

¹⁵ A tese de doutorado de Amílcar Araújo Pereira apresenta um bom panorama das circunstâncias que envolviam a inserção de militantes do movimento negro nas fileiras da Convergência Socialista e as contradições desse processo. Ver. PEREIRA, Amílcar Araújo. **“O mundo negro”: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995)**. Tese de Doutorado – Universidade Federal



Para estes setores mais radicalizados, a luta antirracista se conectava a luta contra o capital. Nesse sentido, um horizonte de visibilidade revolucionário estava na ordem do dia e exigia um programa de transição consequente. O socialismo brasileiro precisava estar a favor da população negra e não o contrário. Assim, James foi um importante interlocutor para essa elaboração teórica e política.

IV

O pujante movimento negro das décadas de 1970 e 1980 vive um momento de rearticulação ao longo das décadas de 1990 e início dos anos 2000. Em sendo uma articulação em formato de frentes, sofreu os desgastes das diferenças políticas internas, como também foi absorvido pelos novos ares do capitalismo mundial: o deserto neoliberal da década de 1990, que jogou uma pá de cal nos sonhos revolucionários.

Como expressão ideo-teórica dessa nova fase do capitalismo, o liberalismo progressista se afirmava como corrente teórica que absorvia os dilemas sociais. Entendido como pensamento pós-moderno, contraditoriamente, absorvia pautas civilizatórias históricas e apresentava, aparentemente, soluções de curto prazo a elas: diversidade como horizonte ético e realinhamento do mercado e do Estado como soluções às essas demandas. Fora de moda, o marxismo vivia sua crise política se renovando teoricamente: leitura exegética de Lukács, Frankfurtianos, Gramsci, Althusser e toda a sorte de perspectivas e escolas que, desde a década de 1970, ocupava a agenda de estudos.

No caso brasileiro, desde a Marcha Zumbi (1995), e depois nos eventos preparatórios para a Conferência Internacional de Durban, o Movimento Negro local assume uma postura que o qualifica e faz assumir a vanguarda da luta antirracista internacional. Ao longo da década de 1990, forjou quadros técnicos em um conjunto de organizações não governamentais que souberam ler os novos ventos e mover os moinhos que alcançariam agora não só o diagnóstico do racismo, como também



formulações concretas de enfrentamento a ele: interpelar o mercado e o Estado em termos de reparação histórica e inclusão.¹⁶

Neste contexto de reversão da luta revolucionária, contraditoriamente, tivemos pela primeira vez o contato menos fragmentado e mais amplo com a obra de James. No ano 2000, foi publicado no Brasil o clássico *Os Jacobinos Negros Toussaint L'Ouverture e a Revolução de São Domingos*¹⁷. Este texto vem sendo, até o momento, praticamente o único contato mais amplo com a produção de James disponível no Brasil.¹⁸

V

Aquele Movimento Negro, que emerge diante do fim do ciclo desenvolvimentista brasileiro, coloca suas bandeiras e pautas reparatórias em prática via políticas sociais no contexto do Brasil neodesenvolvimentista¹⁹ das gestões progressistas. A ideia de pertencimento racial como valor identitário positivo se alastrou por um setor mais amplo do que aquele movimento negro de classe média do Brasil de fins da década de 1970. Os motivos são de várias ordens e têm múltiplas determinações (os movimentos culturais e estéticos nas periferias dos grandes centros urbanos que explodem pelo país inteiro nas décadas de 1990 e anos 2000, por exemplo). No Brasil neodesenvolvimentista, o precariado negro também se afirma positivamente e brada: poder para o povo preto, empoderado, resistente e que quer representação, por todos os meios necessários!

¹⁶ OLIVEIRA, Dennis. **Racismo estrutural: uma perspectiva histórico crítica**. São Paulo: Dandara, 2021.

¹⁷ JAMES, Cyrol Lyonel Robert. **Os jacobinos negros Toussaint L'Ouverture e a Revolução de São Domingos**. São Paulo: Boitempo, 2000.

¹⁸ MATA, Iacy Maia. Tradição negra radical e marxismo: C.L.R. James e a Revolução de São Domingos. In. **Racismo, etnia e lutas de classes no debate marxista [livro eletrônico]** / organização Danilo Enrico Martuscelli, Jair Batista da Silva. -- Chapecó, SC: Ed. dos Autores, 2021. -- (Coleção marxismo21).

¹⁹ Há ampla bibliografia que se propõe a caracterizar o período de gestão progressista no Brasil em termos econômicos e sociais. Aqui adota-se as análises de Ruy Braga (*A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*); Armando Boito Jr (*Reforma e crise política no Brasil: Os conflitos de classe no governo do PT*); André Singer (*O lulismo em crise: um quebra cabeça do período Dilma*); Laura Carvalho (*A valsa brasileira: Do boom aos caos econômico*); Plínio de Arruda Sampaio (*Crônicas de uma crise anunciada*);



Tempos depois, o lulismo foi golpeado diante do revés econômico e da quebra do pacto civilizatório das elites e classes médias para com um neodesenvolvimentismo inclusivo. A população negra, nesse contexto, se viu e se vê diante de dilemas. Grande parte de uma plataforma de atuação material e simbólica do movimento negro contemporâneo que consagrou uma nova gramática social e que disputava a narrativa do que é ser brasileiro começa a não dar mais conta das vivências. A frase passa a superar em muito o conteúdo e produzir cisões entre a cotidianidade e seus signos.

Partindo desse chão e suas mediações, entender a dinâmica da moderna luta de classes brasileira e sua dimensão subjetiva, passa, em primeiro lugar pela validação e verificação daquilo que permaneceu e daquilo que mudou. No período lulista, para além de uma vanguarda, um amplo setor da classe trabalhadora negra brasileira passa a ter “atitudes” condizentes com o “tornar se negro”, no entanto, o problema está justamente na condição precária desses sujeitos enquanto inserção nas relações sociais de produção.

Se no começo do Brasil neodesenvolvimentista certa plataforma de atuação do Movimento Negro ampliou o leque da disputa hegemônica, sobretudo sobre o mito criado pela elite nacional que dizia sobre harmonia social, agora, diante da crise, passa da resistência para a conformação, promovendo apenas uma revolução formal, porém, sem alcançar o conteúdo reprimido das relações raciais no Brasil contemporâneo.

Do ponto de vista teórico e político, nesse contexto, existem três grandes linhas disputando a forma de compreensão e enfrentamento ao racismo: 1) Liberais progressistas; 2) Afrocentrados; 3) Marxistas.

No primeiro caso, de pensamento teórico difuso, se amparam na saída de inclusão no mercado, sistematizado a partir do Black Money e do afro-empendedorismo, ainda que entendam o papel importante do Estado na promoção de Políticas Públicas; no segundo caso, ainda que também existam distinções e diversidades internas, a unidade se dá na recuperação de certos aspectos do nacionalismo negro que tem em Marcus Garvey uma primeira expressão, mas também alicerçado no pensamento de Cheik Anta Diop, Molefi Kete Asante, Wade W. Nobles, Katherine Bankol, Cleonora Hudson Weems, entre outros. Propõem uma ruptura total com padrões civilizatórios europeus, rompimento com as formas tradicionais da política entendida como forma “branca” de luta e apontam para as tradições africanas como potência de aglutinação e destino para os povos negros do mundo. No terceiro, os marxistas, que reivindicam não só a tradição clássica



do marxismo, como apontam para as negligências teóricas dos clássicos, os limites do pensamento que renovou conservando, bem como buscam a recuperação do marxismo negro²⁰.

Os liberais progressistas têm conseguido colocar o debate sobre o racismo na esfera pública, mas a falta de radicalidade da sua postura impõe um circuito fechado para o conjunto da população negra que vivencia a diáde negro drama ou empoderamento, o primeiro como tragédia e o segundo como farsa. Os afrocentrados captam o sentido da história em relação ao racismo, mas a falta de uma síntese que forja uma tática e estratégia mais consequente os facultam a condição de guardiões da memória e de fiscais do racismo. Aos marxistas caberia o projeto, mas como força menor nesse diapasão, ser a terceira via tem imposto a este setor uma necessidade de recuperação, em muitos casos, proselitista do legado marxiano e marxista na luta contra o racismo.

Eis que, agora, o Brasil pode mirar James: autor de erudição rara, não cede à vulgarização do politicismo, nem ao pedantismo teórico. Aposta na experiência concreta da luta negra como uma saída, ainda que indique a necessidade de que ela se vire contra o capitalismo. Por isso, a leitura de *A History of Pan-African Revolt* é providencial. Quem sabe, com este insumo, enfim, o capítulo do Brasil na luta pan-africana poderá ser escrito por uma geração que precisará dar respostas consequentes aos desígnios do seu tempo.

Referências

BOUKARI-YABARA, Amzat. **Africa Unite! Une histoire du Panadricanisme.**

La Découverte: Paris, 2017.

DECRAENE, Philippe. **O pan-africanismo.** Difusão Europeia do Livro: São Paulo, 1962.

²⁰ Como categoria analítica, marxismo negro tem possibilitado uma análise da produção de intelectuais que analisaram o tema do racismo por múltiplas perspectivas marxistas. Ver Grosfoguel, Ramon *¿NEGROS MARXISTAS O MARXISMOS NEGROS?: UNA MIRADA DESCOLONIAL* **Tabula Rasa**, núm. 28, 2018, Enero-Junio, p. 11-22 Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca Colombia; ROBINSON, Cedric. **J. Marxismo Negro : La formación de la tradición radical negra.** Prácticas Constituyentes: Madrid, 2021; PICO, Daniel Montañez. **Marxismo Negro. Pensamiento descolonizador del Caribe Anglófono.** Akal: Madrid, 2020.



- GONZÁLES, Lélia. O Movimento Negro Unificado : Um novo estágio na mobilização política negra. In. GONZÁLES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino americano. Ensaios, intervenções e diálogos**/ Org Flávia Rios, Marcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GROSGUÉL, Ramon ¿Negros marxistas o marxismos negros?: una mirada descolonial **Tabula Rasa**, núm. 28, 2018, Enero-Junio, p. 11-22 Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca Colombia.
- IANNI, Octavio. **Escravidão e racismo**. Hucitec: São Paulo, 1978.
- JAMES, Cyrol Lyonel Robert. **Os jacobinos negros Toussaint L’Ouverture e a Revolução de São Domingos**. São Paulo: Boitempo, 2000.
- _____. **A History of Pan-African Revolt**. PM Express: Oakland, 2013.
- MATA, lacy Maia. Tradição negra radical e marxismo: C.L.R. James e a Revolução de São Domingos. In. **Racismo, etnia e lutas de classes no debate marxista [livro eletrônico]** / organização Danilo Enrico Martuscelli, Jair Batista da Silva. -- Chapecó, SC: Ed. dos Autores, 2021. -- (Coleção marxismo21).
- MOORE, Carlos. Prefácio. In. NASCIMENTO, Abdias. **O Brasil na mira do pan-africanismo**. Salvador: Edufba, 2002.
- MOURA, Clóvis. **Negro, de bom escravo a mau cidadão?** Dandara: São Paulo, 2021.
- NASCIMENTO, Abdias. **O Brasil na mira do pan-africanismo**. Salvador: Edufba, 2002.
- NASCIMENTO, Elisa Larkim. **Pan-Africanismo na América do Sul: emergência de uma rebelião negra**. Vozes: Petrópolis, 1981.
- NASCIMENTO, Elisa Larkim. **Pan-Africanismo na América do Sul: emergência de uma rebelião negra**. Vozes: Petrópolis, 1981.
- OLIVEIRA, Dennis. **Racismo estrutural: uma perspectiva histórico crítica**. São Paulo: Dandara, 2021.
- OLIVEIRA, Fábio Nogueira de; RIOS, Flavia. Consciência negra e socialismo: mobilização racial e redes socialistas na trajetória de Hamilton Cardoso (1953-1999). **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 4, n. 2, jul-dez 2014, p. 507-530; SERAFIM, Danilo. Leon Trotsky e os apontamentos com C.L.R. James. In. **Revista Movimento**. (<https://movimentorevista.com.br/2021/08/leon-trotsky-e-os-apontamentos-com-c-l-r-james/>) Acesso em 04/01/2022.
- PEREIRA, Amilcar Araújo. **“O mundo negro” : a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995)**. Tese de



Doutorado – Universidade Federal Fluminense- Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010.

PICO, Daniel Montañez. **Marxismo Negro. Pensamento descolonizador del Caribe Anglófono**. Akal: Madrid, 2020.

ROBINSON, Cedric. J. **Marxismo Negro : La formación de la tradición radical negra**. Prácticas Constituyentes: Madrid, 2021.

